



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O RETORNO E A VITALIDADE DO SAGRADO NA CONTEMPORANEIDADE

João Santos Cardoso
(UESB)

RESUMO

A temática pretende debater a emergência e a vitalidade do sagrado na contemporaneidade. O enfoque dado ao tema não será sociológico, psicológico nem teológico, antes se tentará uma abordagem filosófica a partir das contribuições de Gianni Vattimo que aborda a questão a partir do paradigma pós-moderno, de cujo interior ele tenta levantar possíveis critérios para uma crítica da religião na atualidade. O texto desenvolve as análises e examina as conclusões daquele autor de que o renascimento da religião na pós-modernidade é favorecido por aquilo que caracteriza filosoficamente a condição pós-moderna, isto é, o fim da metafísica ou das metanarrativas. Vattimo defende que o fim da metafísica não implicou no desaparecimento da religião, mas à medida que isso se concretizou, a metáfora é liberada, tornando inconsistente o ateísmo teórico e militante e todo discurso totalizante, favorecendo o retorno e a vitalidade da religião.

PALAVRAS-CHAVE: Fim da metafísica, Religião, Vattimo.

INTRODUÇÃO

Vattimo (2002, 15-28) desenvolve seu argumento tendo como premissa de que “a morte de Deus” anunciada por Nietzsche não implica realmente no fim de toda possível experiência religiosa, mas naquilo que Heidegger chamou de “o fim da metafísica” e que Lyotard (2002) denominou de o fim das “metanarrativas”. Sua hipótese é que o fim da metafísica ou das metanarrativas tem favorecido o renascimento religioso e constituído a condição de possibilidade da religião na



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pós-modernidade. Defensor do chamado “pensiero debole”, ele sustenta ser dentro do quadro teórico do enfraquecimento da razão que se deve compreender e elaborar uma crítica do renascimento da religião nos tempos atuais. Se o enfraquecimento da razão tem permitido o renascimento religioso constituindo a sua condição de possibilidade na pós-modernidade, é sob o aspecto das conseqüências do fim das metanarrativas que se deve compreender e elaborar uma crítica do renascimento da religião no tempo atual.

Ao inserir a religião no centro de interesse da filosofia, Vattimo (1999, 2002) assinala para a novidade e o revigoramento do espírito acadêmico. É como se a academia começasse finalmente a despertar do seu longo sono metafísico e dogmático. Especialmente daquele iluminista, do qual ela é herdeira, que banuiu a problemática religiosa de seu campo de interesse. Segura no seu dogmatismo positivista, denuncia Vattimo (2002, 92-93), a academia facilmente resolveu o problema da religião como resíduo destinado a desaparecer com o progresso da ciência e da razão. Confiante no dogmatismo historicista, o ambiente intelectual considerou a religião como um subproduto da atividade do homem alienado que tenderia a desaparecer quando fossem superadas as bases materiais daquele mundo do qual ela é seu aroma espiritual, como havia pregado Marx (1844). Dessa mesma tentativa de fundamentar cientificamente o ateísmo radical, não só derivou o ateísmo materialista, mas também o ateísmo psicanalítico de Freud (1997), para o qual a religião deriva do complexo paterno em busca de alívio para os conflitos da infância do indivíduo. A religião seria, então, uma neurose derivada da repressão dos instintos. Nesse contexto, o problema de Deus foi facilmente solucionado como “alienação” e “uma ilusão infantil”, como uma doença ou um delírio psíquico derivado de desejos reprimidos que tenderiam a desaparecer com o progresso da ciência e com o bem-estar econômico.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Ao re-propor o tema da religião como objeto de investigação filosófica, Vattimo (2002, 21) reconhece que as respostas tradicionais formuladas para o problema religioso não mais satisfazem, já que todas elas se situam dentro de visões globalizantes do mundo superadas com o fim das metanarrativas. E argumenta que, ao aceitar-se que não valem mais as metanarrativas do positivismo, não é mais possível pensar que Deus não existe por não ser um fato verificável empiricamente. Do mesmo modo, quando se está de acordo de que não vale mais a metanarrativa do historicismo, não se pode mais negar Deus porque a fé nele corresponde a uma fase superada da história da evolução humana ou porque é uma representação ideológica de dominação destinada a desaparecer com a abolição da divisão social do trabalho e da propriedade privada. Igualmente quando se considera de que não mais se sustentam as metarrativas do evolucionismo e do materialismo mecanicista, não é mais possível negar Deus como ilusão infantil originada do complexo de Édipo ou do medo diante das forças caóticas e ameaçadoras da natureza.

Ao assumir o tema da religião como objeto legítimo de investigação filosófica, Vattimo (1999, 2002) a eleva ao mesmo grau de relevância de outras problemáticas de investigação científica e rompe com aquele silêncio generalizado sobre Deus que por muito tempo reinou na filosofia. Por muito tempo a cultura acadêmica se calou sobre o problema religioso, não havendo nela lugar para a teologia. Muitas vezes, esse silêncio não é devido a um ateísmo militante, no sentido de que não se teoriza a falsidade da religião. O silêncio presente na academia, assegura Vattimo (2002, 92-93), consiste simplesmente em não se falar sobre religião, de não considerá-la como objeto digno de reflexão teórica. Muitas das especializações acadêmicas se fecham nos seus próprios campos universitários quase exclusivamente voltados para as temáticas epistemológicas, historiográficas e metodológicas. O máximo que se diz é que a mística é algo diferente do



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pensamento lógico relegando-a ao campo do irracional, do sem sentido e do sentimento. Outras vezes, se repete aquela inefabilidade de que fala Wittgenstein (1994): “Daquilo que não se pode falar, deve-se calar” (7ª proposição). Em que o silêncio a respeito da mística constitui a atitude típica de quem considera não ser possível investigá-la, já que a mesma extrapola o campo da experiência possível subtraindo-se a um tratamento à maneira dos geômetras ou das proposições científicas. É verdade que a religião escapa ao método positivista de análise científica, entretanto isso não dá razões para alimentar preconceitos teóricos como se ela tratasse de algo irrelevante nem a atitude de quem simplesmente se silencia a seu respeito. Esse silêncio, como adverte Vattimo (2002, 94), isola a academia e a distancia sempre mais da consciência comum, colocando-a numa posição esotérica que Hegel criticava no prefácio da Fenomenologia do Espírito.

O tema da religião é filosoficamente relevante por tratar-se de uma das dimensões fundamentais da existência humana e um dos pilares centrais da cultura e da civilização do espírito humano. Omitir sua discussão em sede acadêmica significaria situar-se numa perspectiva teórica limitada e dogmática. Excluir a religião de uma consideração teórica significaria expor o pensamento a uma compreensão ingênua do tempo atual, não compreendendo aquilo que o caracteriza. Por isso, a filosofia não pode mais considerar a vitalidade da religião na atualidade como um fenômeno de atraso cultural favorecido pela astúcia de padres e de pastores ou como expressão de uma alienação ideológica destinada a desaparecer com a revolução proletária e a superação das contradições econômicas; tampouco é possível considerá-la como uma regressão infantil destinada a desaparecer com a fase adulta do homem.

Outrossim, esse silêncio acerca da religião se apresenta hoje privado de motivações filosóficas relevantes. Nem mesmo Nietzsche (2002), com seu aforisma da “morte de Deus” deve ser assumido como profissão de ateísmo teórico e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

militante, pois seu anúncio da morte de Deus, como interpreta Vattimo (2002, 20), não se trata de uma teoria em defesa do ateísmo, mas na verdade remete ao fim da metafísica que, por sua vez, não exclui o nascimento de muitos outros deuses. Muitos assumem a frase de Nietzsche da morte de Deus como profissão de ateísmo militante e, na verdade, como salienta Vattimo (2002, 19, 92), se esquecem que ele escreve explicitamente que “é o Deus moral que é negado”, ou seja, o Deus fundamento, o Deus metafísica, o Deus supremo relojoeiro e arquiteto do mundo; interditando, dessa forma, o caminho para as filosofias que pensavam ter fisgado a verdadeira estrutura do real, das leis da história e do método para o conhecimento da verdade.

Com o fim das filosofias e suas conseqüentes epistemologias que julgavam descrever objetivamente o mundo, diminuíram-se, portanto, as razões fortes do ateísmo filosófico. Hoje, defende Vattimo (2002, 21), os filósofos se consideram ateus ou irreligiosos por puro hábito, como uma espécie de inércia teórica. O fim das metanarrativas esvaziou as razões filosóficas do ateísmo tradicional e do agnosticismo. Até quando o pensamento acadêmico considerar-se ateu e agnóstico, sobre a base da continuidade das posições metafísicas do passado, se distanciará sempre mais das praças onde circulam as idéias que engendram comportamentos e a nossa percepção do mundo, colocando-se numa posição elitista e desligada das esferas da vida. Nesta situação, um pensamento crítico que queira estar atento à atualidade deve tornar-se ciente do renascimento religioso na consciência comum e, ao mesmo tempo, dar-se conta das razões desse renascimento. Impõe-se ao pensamento crítico o desafio de debruçar-se sobre a religião a fim de identificar aquele processo histórico que favorece o seu retorno e, ao mesmo tempo, colher no interior desse processo os princípios filosóficos para avaliar criticamente seu êxito.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O renascimento da religião na contemporaneidade

É um fato o revigoramento da presença social da religião na atualidade que se manifesta sob diferentes aspectos: retorno às formas religiosas das tradições locais; multiplicação de canais de TV com programação religiosa; proliferação de experiências religiosas heterodoxas ligadas à raiz cristã, à tradição oriental e às diversas formas de religião natural. Esta situação parece indicar, analisa Vattimo (2002, 89-90), que realmente não ocorre aquilo que alguns, como Rorty, chamam de época pós-cristã ou pós-religiosa. Embora essas anotações não pretendam uma abordagem sociológica sobre o fenômeno do retorno do sagrado nem as considerações de Vattimo trilhem aquele objetivo, convém indicar, seguindo a exposição do filósofo (VATTIMO, 2002, 90-91), alguns motivos que parecem mais evidentes desse renascimento religioso. Entre os múltiplos fatores desse revigoramento, convém salientar:

(a) O menor envolvimento da Igreja Católica com as lutas sociais deu margem a um catolicismo festivo, não politizado, atraindo muitas pessoas para os templos fazendo cair os rígidos limites que se traçavam entre reacionários e progressistas, entre marxistas e não-marxistas.

(b) Maior visibilidade da religião frente à novidade e gravidade dos problemas da sociedade atual devido aos desenvolvimentos recentes na ciência e na tecnologia, sobretudo os problemas ligados à bioética e à ecologia. No campo da bioética se abrem questões que não se resolvem apenas com o discurso científico, pois estas tocam aqueles limites entre a vida e a morte ou entre liberdade e destino da pessoa, portanto, um terreno onde parece inevitável esbarrar em questões éticas e religiosas. Nietzsche tinha preconizado que a ciência moderna - fundada sobre a especialização e o trabalho coletivo - seria também modelo de um pensamento novo, mais sóbrio e generoso e menos preocupado em descobrir as

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

verdades últimas ou tocar em situações limites das quais dependeria a salvação dos homens. Parece que essa profecia de Nietzsche não foi concretizada, cada vez mais a pesquisa científica toca em questões limites, pondo freqüentemente o cientista em confronto com questões últimas e de fronteiras. Justamente, aqui, frente aos desafios da pesquisa genética e das biotecnologias, explica Vattimo (2002, 91), é que uma doutrina rígida e construída através de séculos pela ortodoxia católica surge com maior capacidade de fornecer critérios claros e rigorosos para responder a tais questões, critérios que uma filosofia laica permeada de espírito crítico parece incapaz de definir com a mesma segurança e clareza.

(c) O significado que tem a religião para os grupos sociais em busca de uma identidade que os salve da situação de anonimato do mundo urbano. Juntamente com os problemas de ordem ético-moral, esta necessidade de identidade é outro fator potente do renascimento religioso. Essa necessidade de identidade dá à religião o sentido de retorno a fundamentos, da aceitação da disciplina de doutrinas rígidas com o claro risco do fanatismo e da intolerância.

(d) A queda do socialismo real gerou o desencantamento com as grandes utopias, favorecendo o triunfo do neoliberalismo que, com o seu projeto de globalização, permitiu uma melhor divulgação das outras culturas com sua conseqüente teologia e crenças religiosas.

(e) De outro lado, em reação à globalização que tudo massifica, houve o retorno às formas religiosas das tradições locais, suscitando a necessidade de pertença a um grupo, como forma de afirmação da identidade e de busca de segurança na nova Babel.

(f) O próprio pluralismo da sociedade pós-moderna evidencia ainda mais a vitalidade ao fenômeno religioso dando maior visibilidade a ele.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Os fatores acima elencados do retorno do sagrado são quase todos de caráter sociológico; além deles, haveria ainda outros tantos que poderiam ser enumerados. Entretanto, a originalidade da interpretação de Vattimo (1999, 2002) é indicar um fator de caráter filosófico que tem contribuindo para o retorno da religião seja no seu aspecto teórico como naquele histórico-social. Esse fator, sem dúvida relevante, diz respeito à dissolução da metafísica, que se traduz no descrédito a toda doutrina que tenha a pretensão de se impor de forma absoluta e definitiva como capaz de descrever de forma verdadeira e objetiva as estruturas do ser.

A condição filosófica da pós-modernidade favorece o renascimento da religião

O fim da metafísica gerou o enfraquecimento da razão, restando para o inteiro campo do saber a alternativa de falar em termos metafóricos, subjetivos, sem pretensão de verdade objetiva. É essa liberação da metáfora, como sustenta Vattimo (2002, 21-22), que torna de novo possível falar de Deus, de anjos, de demônios e de salvação. Quando a filosofia reivindica o pluralismo pelo pluralismo como condição da tolerância ou simplesmente legitima as múltiplas narrações sem um centro unificador favorece a linguagem religiosa dando-lhe a mesma legitimidade do discurso científico.

A liberação da metáfora e a queda das razões filosóficas do ateísmo favoreceram o renascimento religioso nas sociedades industriais avançadas da nossa época. Por isso o renascimento da religião na pós-modernidade não pode ser considerado como mero resultado de um engano. Esse renascimento aparece teoricamente legítimo quando se reconhece como resultado do mesmo processo que caracteriza a pós-modernidade: o fim das metanarrativas de Jean-François Lyotard (2002) que define a condição pós-moderna destituída de uma narrativa



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mestra totalizadora e composta por narrativas menores e múltiplas que não buscam nem obtém qualquer estabilização ou legitimação universalizante; o fim da metafísica, diretamente ligada ao pensamento de Heidegger (2002) que, por sua vez, se relaciona à afirmação de Nietzsche da “morte de Deus”.

Como bem explica Vattimo (2002,19, 92), com a afirmação da morte de Deus, Nietzsche (2002) não está propondo uma metafísica atéia e mais verdadeira como alternativa às visões filosóficas anteriores do mundo. Essa pretensão seria ainda uma forma de crença no Deus-moral, ou seja, em uma ordem natural e objetiva do mundo que o fundamenta. Com a morte de Deus, Nietzsche não reivindica a descoberta de uma verdade filosófica mais verdadeira do que aquela da metafísica do passado. Seu anúncio da “morte de Deus” pode ser mais bem compreendido se relacionado como fim da metafísica de que fala Heidegger (2002), enquanto crença numa ordem estável, fundada, necessária e objetiva do ser, pois o que é superado é o Deus-moral enquanto fundamento metafísico, ordem estável do ser, exigência e desejo de verdade. Assim o anúncio nietzschiano da morte de Deus significa o fim da possibilidade de qualquer fundamentação última do conhecimento e da moral, eliminando a possibilidade de uma estrutura estável que permita descrever a realidade na sua mais pura objetividade.

Heidegger, explica Vattimo (2002, 17), chama de metafísica a crença numa ordem objetiva do mundo que o pensamento deveria reconhecer para adequar-se epistemologicamente e moralmente, ou seja, que o pensamento deveria ajustar-se seja na descrição científica da realidade seja nas escolhas morais. Em Heidegger, continua Vattimo (2002, 24), a superação da metafísica representa o esforço de interpretar o ser não mais como estrutura objetiva que a mente deveria refletir adequando-se nas suas escolhas práticas. O ser se identifica com o horizonte e a luz no qual o ente aparece, mas não como a estrutura geral dos objetos. Não sendo objeto, o ser também não é nem mesmo a estabilidade que a tradição metafísica o



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

atribuiu. O evento do ser significa o horizonte de abertura que pertence ao ser, mas é também aquilo a que o ser pertence. Não se capta o ser eterno, estável, pois o ser é só aquilo que de quando em quando ocorre no seu evento (VATTIMO, 2002, 25). Diante do ser como evento, a tarefa do pensamento é, segundo Heidegger (2002), aquele de fazer memória de sua história, mas não numa perspectiva de representação objetiva ou no sentido de fazer uma descrição mais objetiva que a da metafísica totalizadora. Foi por isso que a superação da metafísica no pensamento heideggeriano o conduziu a praticar a filosofia como uma elevação rememorativa na história ou no destino do ser: como um evento que o pensamento não deve registrar objetivamente, mas que é chamado a responder (VATTIMO, 2002, 25). O único modo não coisificante de pensar o ser, segundo Heidegger (2002), seria aquele que o concebe não como estrutura objetiva que se coloca diante do olho da mente, mas como evento, acontecimento. Isso quer dizer que os objetos de nossa experiência se dão a nós dentro de um horizonte de sentido, tal como uma luz que faz aparecer as coisas, mas que por sua vez não é objetivamente visível. Diante do ser como evento, a tarefa do pensamento é aquela de rememorar a sua história. Não porque seja necessário conhecer o ser na sua objetividade ou na sua totalidade histórica, como pensava Hegel. Trata-se de saltar no abismo liberalizante da tradição para se colocar diante do ser que se revela como evento, no qual o observador situa-se diante dele como intérprete envolvido e a caminho com ele. O salto é liberalizante porque sacode a pretensão de que a ordem atual do ser deve valer como única, imutável e eterna. O que Vattimo (2002, 25) propõe como “pensiero debole” diz respeito a esse tipo de rememoração heideggeriana, pois o salto no abismo da tradição é sempre também um enfraquecimento do ser, já que derruba as pretensões de estabilidade e objetividade.

O horizonte liberalizante da tradição não dá ao filósofo um conhecimento mais verdadeiro e completo daquilo que o ser objetivamente é, mas apenas diz que



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

o ser não é nada de objetivo e de estável e o revela como evento no qual somos sempre intérpretes envolvidos nele e em caminho com ele (VATTIMO, 2002, 25-26). Por isso, não é somente a visão do ser como objetividade que se torna inaceitável por motivos teóricos e práticos. Mais do que a organização total da sociedade e a mentalidade técnico-científica, o que desmente a metafísica e a torna impossível como crença em uma ordem objetiva, estável, fundado do ser é a explosão irrefreável das imagens de mundo (as linguagens científicas, as culturas...). As especializações das linguagens científicas, a diversidade das culturas não mais unificáveis sob o mito eurocêntrico do progresso, a fragmentação da esfera da vida e o pluralismo babélico da sociedade pós-moderna tornaram impensável uma ordem unitária do mundo, fazendo cair por terra todas as metanarrativas que pretendiam refletir a estrutura objetiva do ser (VATTIMO, 2002, 5-12). São situações como essa que levam Vattimo (1999, 2001, 2002) a assumir a perspectiva nietzschiana e heideggeriana de uma filosofia como interpretação e não como uma descrição objetiva do ser mais verdadeira que as propostas anteriores.

CONCLUSÕES

Tendo identificado o retorno da religião com a condição filosófica que caracteriza a condição pós-moderna, ou seja, o fim da metafísica, Vattimo (2002, 26-27; 95) julga que é no interior desse processo que se devem buscar os critérios para uma crítica da religião para impedir determinados êxitos irracionistas, como: os fundamentalismos de direita e de esquerda, o relativismo e o comunitarismo. O reconhecimento do nexos entre o anúncio nietzschiano da morte de Deus com o fim da metafísica oferece, então, à filosofia as bases para pensar



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

criticamente as formas que assumem hoje o renascimento do sagrado que pode ser criticado filosoficamente quando trai aquela inspiração antimetafísica que o gerou desembocando no fundamentalismo religioso.

Assim, Vattimo (2002, 27; 96-97) julga que o enfraquecimento da razão se apresenta como a chave filosófica mais adequada para elaborar uma crítica do retorno do sagrado na nova cultura. Tal perspectiva da história do ser como destino de enfraquecimento, no parecer do referido filósofo, parece persuasiva, pois o Ocidente é herdeiro de uma tradição cultural que se nutriu de valores cristãos, como fraternidade, caridade, paz, rejeição da violência... que, por sua vez, são derivativos de uma doutrina em cujo centro encontra-se a idéia de redenção e de encarnação, ou como chama Paulo, de Kénosis de Deus. Esse rebaixamento de Deus mostra o seu parentesco com o finito, inaugurando a dissolução de sua transcendência. Aqueles valores são os mesmos que Nietzsche considerava a causa do niilismo e da decadência, mas ao mesmo tempo a via através da qual a metafísica conheceu seu fim e o ser se revela como evento.

Vattimo (2002, 27; 96-97) crê que o fato da filosofia pós-metafísica pensar o ser como história do enfraquecimento não é separável da tradição cristã da encarnação ou do rebaixamento de Deus. Reconhecer isso reabre a discussão filosófica sobre o sentido do fim da metafísica e oferece as bases para criticar as formas que assumem hoje o renascimento do sagrado, sobretudo quando este tende a reforçar a intolerância, o fundamentalismo e uma moral fundamentada na visão de uma natureza fixa e imutável. Neste quadro do enfraquecimento da razão, ao mesmo tempo em que a filosofia toma consciência de que não existem motivos fortes para o ateísmo se abre igualmente à possibilidade da religião. Se o fim da metafísica leva a filosofia a reconhecer que ela não pode mais ser atéia deve, então, encontrar nesse reconhecimento a base para empreender a crítica do renascimento da religião. Assim a religião que se desvela na pós-modernidade



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

entre o horizonte do enfraquecimento da razão, segundo o filósofo italiano, nada tem a ver com religiões dogmáticas, duramente disciplinadas e rigidamente antimodernas que se exprimem nas variadas formas de fundamentalismo. A religião, portanto, que se descobre do interior do processo filosófico pós-moderno não pode ser uma religião do retorno da metafísica, mas apenas do êxito de sua dissolução. Por conseguinte, se quiser ser fiel à sua condição de possibilidade, o fim da metafísica, a religião que se apresenta à nova cultura deve abandonar a idéia de fundar a ética e deduzir normas de conduta com base no conhecimento de essências naturais e se abrir criticamente ao diálogo construído com base na cultura partilhada segundo critérios imanentes a essa cultura.

Nesse caso, assim como a nova perspectiva filosófica daria vazão a um pensamento mais sóbrio, igualmente dela decorreria uma religião mais tolerante, mais atenta à proximidade e ao cuidado sem arroubos dogmáticos que impliquem na interdição do diálogo com o outro e na eliminação da diferença. A perspectiva de Vattimo parece dar à religião um rosto mais suave, soft, festivo, alegre, sem pretensões dogmáticas. O que parece inteiramente razoável. Entretanto, restaria ainda perguntar, sobretudo em relação ao cristianismo, se para apresentar a suavidade do jugo de Cristo e das conseqüências da Kénosis de Deus, ele deveria forçosamente situar-se dentro da tradição pós-metafísica renunciando à verdade revelada que o originou. Certamente as diversas metafísicas são roupagens que o anúncio da fé pode se revestir para tornar inteligível a verdade de Cristo a cada homem em seu tempo, entretanto a fé cristã não se identifica com nenhuma metafísica e mais ainda com uma metafísica que traz no seu bojo a própria dissolução do anúncio cristão. De qualquer forma, a proposta de Vattimo lança luz para se compreender o retorno e a vitalidade do sagrado em nossos dias e, apesar de suas conseqüências, é inteiramente razoável do ponto de vista laico-filosófico



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

para pensar uma crítica da religião que a mantenha aberta ao diálogo no sentido da convivência e respeito com a diferença.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. **Futuro de uma Ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Sobre a essência da verdade**. Porto: Porto Editora, 1995.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MARX, Karl. **Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel** (1844). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. Coleção: Textos Clássicos LusoSofia.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. **O Futuro da Religião** – solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006
- VATTIMO, Gianni. **Credere di Credere**. Itália: Garzanti, 1999.
- _____. **Dopo la cristianità**: per un cristianesimo non religioso. Itália: Garzanti, 202.
- _____. **Le avventure della differenza**. Itália: Garzanti, 2001.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. Introdução de Bertrand Russel. Tradução brasileira - texto bilingue: alemão-português. São Paulo: Edusp, 1994.